




## ENFRENTAMENTOS COTIDIANOS DAS MULHERES QUILOMBOLAS: O CASO DAS PRODUTORAS DE REMÉDIOS FITOTERÁPICOS NO CENTRO DE PLANTAS MEDICINAIS DO CEDRO, GO

 <https://doi.org/10.56238/levv16n48-082>

Data de submissão: 23/04/2025

Data de publicação: 23/05/2025

**Aline Grigório da Silva**

Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). – SP

E-mail: line09gregorio@gmail.com

**Janice Rodrigues Placeres Borges**

Centro de Ciências Agrárias – UFSCar – SP

E-mail: janice@ufscar.br

**Jesiel Souza Silva**

Instituto Federal Goiano (IFG), Campus Rio Verde. GO

E-mail: jeziel.souza@ifgoiano.edu.br

### RESUMO

Realizou-se uma investigação sobre as práticas cotidianas, enfrentamentos e resistências das mulheres da comunidade de remanescentes de quilombolas do Cedro, Mineiros, GO, dando ênfase à produção tradicional de remédios fitoterápicos com o objetivo de verificar os entraves e os enfrentamentos das mulheres quilombolas na realização de suas práticas cotidianas. O Cedro é um território de relevância, devido à história de sua formação e proximidade com a cidade de Mineiros e, especialmente, pelo fato das mulheres cedrinhas produzirem, de forma tradicional, remédios a partir de plantas medicinais coletadas no Cerrado. Optou-se pela metodologia etnográfica, realizando a observação direta e anotações no diário de campo. As cedrinhas são as principais responsáveis pela manutenção dos traços identitários da comunidade, que estão diretamente ligados à relação que os quilombolas estabeleceram com o bioma cerrado, via produção tradicional de remédios variados a partir de plantas, cascas e raízes coletadas sazonalmente e de forma preservacionista. Observou-se que as mulheres da comunidade aumentaram seu grau de instrução, sua participação no mercado de trabalho urbano, sem abrir mão de continuarem à frente de suas famílias. As cedrinhas têm se dividido entre o espaço doméstico, social e político, demonstrando engajamento para assumir papéis de liderança dentro e fora da comunidade.

**Palavras-chave:** Conhecimento Tradicional. Autonomia. Empoderamento. Liderança Feminina. Quilombo.

## 1 INTRODUÇÃO

Os quilombolas são grupos étnico-raciais, que, em Goiás, segundo a Fundação Palmares, estão presentes em 58 comunidades remanescentes de quilombos certificadas. Dentre esses territórios, encontra-se o da comunidade quilombola Cedro – conhecida por sua farmácia produtora de remédios com plantas do Cerrado.

Segundo a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - Coordenação de Goiás (Conaq), entre certificadas e não certificadas existem 82 comunidades remanescentes de quilombos nesse Estado. O Cedro se encontra até a atualidade, com situação fundiária não titulada (CPISP, 2021).

A Comunidade Remanescente de Quilombo (CRQ) Cedro tem uma origem diferenciada – sua formação acompanhou a evolução da cidade de Mineiros (GO), distinguindo-se de outras comunidades de quilombolas brasileiras, marcadas por fugas de escravos e lutas pela liberdade (LUCIANO e SANTOS, 2014), formando assim, algo semelhante a um bairro, que é pressionado há anos por empreendimentos imobiliários.

Reconhecido pelas suas ‘garrafadas’, esse território tem sido objeto de estudos variados desde os anos 1980, recebendo destaque as pesquisas sobre sua formação e história, cultura e organização.

Contudo, havia uma lacuna acadêmica sobre a histórica atuação de suas mulheres, entre o quilombo e a cidade de Mineiros. Nas primeiras visitas, para realizar uma pesquisa exploratória, notou-se, por meio de conversas, que existia um movimento de várias de suas mulheres na busca de independência financeira, acesso à educação superior, atividades conservacionistas, por atuarem no Cerrado, coletando plantas medicinais, e a manutenção das tradições. Numa busca por referências bibliográficas, pouco se encontrou sobre a atuação histórica dessas mulheres e as trajetórias recentes de tantas outras, que trouxessem à visibilidade a atuação das mesmas na comunidade e fora dela.

Dessa forma, a escolha desse território de CRQ, para a realização de um trabalho sobre as mulheres quilombolas, foi guiada pela hipótese que pressupunha que as mulheres exerciam uma variada gama de atividades entre o quilombo e a cidade.

## 2 MULHERES QUILOMBOLAS DO CEDRO: PRÁTICAS TRADICIONAIS

A realidade da mulher rural é complexa e cercada de definições míticas sobre seu trabalho. Mesmo estando envolvida nas atividades de finalidade econômica, a mulher passa despercebida quando a questão é mérito do seu trabalho, uma vez que a sociedade considera a mulher como uma mera ajudante do esposo que é considerado o líder da família.

Contudo, quando se trata de mulheres quilombolas, a realidade fica mais complexa, porque temos que primeiramente entender o seu papel a partir da cultura e hábitos nas comunidades quilombolas - compreendendo suas lutas, memórias e saberes.

Pesquisas sobre as atividades laborais das mulheres das comunidades rurais, no âmbito produtivo e doméstico, demonstram a dificuldade em se estabelecer a separação precisa entre esses espaços (SCOTT; RODRIGUES; SARAIVA, 2010; BUTTO, 2011; MONTEIRO, 2013).

Essa situação das mulheres rurais contribui para reforçar a desigualdade de gênero no campo, visto que, no meio rural está presente um rígido e severo controle familiar e comunitário, principalmente em relação às mulheres, relacionados com a moral sexual e familiar - os homens são destinados prioritariamente às atividades vinculadas à esfera produtiva, enquanto as mulheres à esfera reprodutiva, segundo Faria (2009).

As mulheres quilombolas enfrentam uma realidade não muito distinta das outras mulheres do campo. Mas, de acordo com Souza e Araújo (2014), existem casos em que o espaço ocupado por mulheres na comunidade gera novas perspectivas, rompendo com a invisibilidade e retomando a história passada, mas nem sempre é assim, e em tantos outros a participação feminina é precária.

A história das mulheres quilombolas é marcada por processos árduos de luta e pela busca constante de reconhecimento pelos trabalhos desenvolvidos nos setores econômicos, sociais e culturais dentro e fora das comunidades onde habitam. Segundo Monteiro (2013), existe uma clara liderança feminina em grande parte das comunidades, que mostra como essas mulheres ocupam cargos de poder e de decisão nos territórios nos quais atuam.

Para Souza e Araújo (2014), o empoderamento destas mulheres quilombolas perpassa as referências históricas, na medida em que constituem uma trajetória de luta e contraposição dos espaços de invisibilidade, opressão e desigualdade.

A luta pelo rompimento dos paradigmas que taxam essas mulheres como coadjuvantes nos processos históricos, tem mostrado que as mulheres estão presentes na luta pela garantia dos direitos das comunidades onde estão inseridas. Para Grossi, Oliveira; Oliveira (2018), as violações de direitos vivenciadas pelas mulheres quilombolas e suas famílias, evidenciadas em indicadores de vulnerabilidade social, econômicos e de saúde, possuem uma dimensão estrutural.

As mulheres quilombolas vivenciam opressões que se reproduzem no seu cotidiano. Essas opressões são caracterizadas pela falta de acesso a políticas públicas que são desenvolvidas para atender as necessidades das comunidades nos esferas, econômicas sociais e culturais. A procura por melhores condições de vida faz com que essas mulheres estejam sempre lutando por mudanças, como demonstrado por Monteiro (2013).

### **3 A PESQUISA E SEU DESENHO**

Com o objetivo de verificar o cotidiano e as atividades produtivas e domésticas das mulheres quilombolas, entre o quilombo e a cidade, via suas práticas da vida social (GIDDENS, 2005) o Cedro é um território adequado, devido à história de sua formação e proximidade com a cidade de Mineiros

e, especialmente, por produzir de forma tradicional remédios a partir de plantas medicinais do Cerrado.

O desenho da pesquisa foi realizado a partir da revisão bibliográfica, da pesquisa exploratória com o intuito de conhecer melhor as mulheres, as lideranças e gerar a hipótese norteadora do estudo descritivo, e a realização de entrevista semiestruturada.

Assim, empreendeu-se o trabalho de campo, empregando-se a metodologia etnográfica e seus procedimentos: observação participante e observação direta do pesquisador dentro da comunidade estudada, anotações no diário de campo. Segundo Geertz, o que define a metodologia etnográfica “é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa”. (GEERTZ, 1989, p. 15).

As entrevistas aconteceram na casa de cada entrevistada, priorizando a disponibilidade de cada uma, seguindo um roteiro de entrevista pré-elaborado.

As entrevistadas foram selecionadas aleatoriamente.

A rotina das 69 famílias cedrinhas, entre quilombo e cidade, foi um dos obstáculos para conseguir realizar as entrevistas.

A observação participante ocasionou um contato intenso entre os envolvidos sem sair do cotidiano da área de estudo.

Para registrar essas impressões, utilizou-se o Diário de Campo, instrumento imprescindível para a pesquisa de cunho Antropológico.

Na terceira etapa do trabalho, algumas respostas obtidas nas entrevistas semiestruturadas foram categorizadas, através da análise do conteúdo. Essa metodologia permite a utilização de técnicas para a organização das informações obtidas nas respostas proporcionando a compreensão das comunicações. As categorias foram criadas a partir dos tópicos que surgiram durante as entrevistas semiestruturadas, esses tópicos deram origem às unidades temáticas, configuradas de acordo com critérios de frequência e relevância (BARDIN, 2009; OLIVEIRA, 2008).

#### **4 A ÁREA DE ESTUDO**

O território Comunidade Remanescente de Quilombo Cedro está localizada no bioma Cerrado, no município de Mineiros, estado de Goiás, Brasil. O município de Mineiros pertence à Microrregião do Sudoeste de Goiás, na zona do Alto Araguaia, fazendo parte da Bacia Hidrográfica Araguaia-Tocantins.

O nome Cedro aparece na história como uma homenagem a um dos córregos da bacia hidrográfica referida acima. O mesmo que toma esse nome tinha exuberante vegetação, formada, por árvores de grande porte, tais como: peroba, guariroba, jatobá e especialmente cedro (SILVA 1998, p.343).

De acordo com Baiocchi (1983), o Cedro situa-se a 6 km da sede do município e foi criado por ex-escravos, que continuaram trabalhando para os coronéis.

A comunidade do Cedro foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente de quilombo, porém, é visível que existe um processo de inibição da comunidade e da sua área. Essa inibição acontece impulsionada pela venda das terras e êxodo de algumas famílias que nasceram na comunidade para a cidade. Os jovens são afetados por não existir por parte dos governantes locais e estaduais um planejamento, que possibilite o acesso a informações sobre as políticas públicas, viabilizando o acesso, almejando o desenvolvimento da comunidade Cedro. Parte da área que pertencia à comunidade foi destinada para loteamentos, dificultando a limitação da área urbana e rural, tendo seis quilômetros entre a comunidade do Cedro e o centro da cidade de Mineiros.

## **5 PRODUÇÃO DE SENTIDO SOBRE OS ENFRENTAMENTOS COTIDIANOS DAS MULHERES DA COMUNIDADE DO CEDRO**

A análise de conteúdo pede a criação de categorias de análise. Para esse estudo, foram criadas as seguintes categorias analíticas:

A primeira categoria foi criada com base no desenvolvimento do trabalho. Unidade temática 1: Significado das atividades cotidianas e os elementos que cercam as atividades desenvolvidas pelas mulheres.

Na categoria 1.1: “o pertencimento ao lugar”. A percepção que predominou em todas as entrevistas, foi a ligação identitária com a comunidade e seus significados na vida das mulheres, mesmo diante das dependências do espaço urbano, as mulheres sentem a necessidade de retornar para a comunidade do Cedro, por isso optam por estar na cidade apenas durante o tempo necessário, criando essa árdua jornada entre campo e cidade.

Categoria 1.2: “trabalho coletivo”. Para 9 das entrevistadas o significado atribuído para o trabalho coletivo, ou em grupos foi de algo bom, as mesmas entrevistadas mencionaram ter preferência por trabalhar em grupo. Avaliando como mais prazeroso e satisfatório.

Na categoria 1.3: “a rotina de trabalho”, durante as entrevistas, notamos nos relatos das mulheres que, para elas e para o universo onde estão inseridas, é comum elas se dedicarem a diversas tarefas ao longo do dia, sendo que para elas essa sobrecarga de trabalho é comum.

Na categoria 1.4: “conhecimento tradicional”: as mulheres da comunidade do Cedro trazem em suas falas uma preocupação quanto à continuidade do trabalho realizado com as plantas medicinais. Todo trabalho desenvolvido teve origem no conhecimento empírico das mais velhas, passado de geração em geração pelas idosas.

O conhecimento é transmitido hereditariamente por meio da fala e da escuta, a palavra dita tem uma importante dimensão, pois traz consigo os valores sagrados e, na constante repetição, torna-se o repasse de saberes (SANTOS, 2012, p. 2).

A categoria 2.1 reflete “as percepções quanto às necessidades das mulheres da comunidade, no sentido coletivo.” Constatamos durante o trabalho de campo, que as mulheres da comunidade nunca foram contempladas com algum projeto destinado às suas necessidades específicas como uma categoria dentro da comunidade. Todas as entrevistadas afirmaram nunca terem acessado uma política pública direcionada à mulheres. Esse fato reforça o que é afirmado por Lozano e Lago (2017), de modo geral, as políticas públicas voltadas para as mulheres brasileiras buscaram conceder benefícios sociais a determinados grupos de mulheres ao longo da construção do país. As entrevistadas traçam com clareza as principais necessidades das mulheres da comunidade do Cedro, começando por assistência para o desenvolvimento de atividades com finalidade econômica e os cuidados com a saúde.

A categoria 2.2, “enfrentamentos e preconceitos”, abarca as situações do dia a dia dessas mulheres, nos espaços onde estão inseridas, perpassando por situações étnico raciais. A busca por melhores condições de vida, qualificação e inserção no mercado do trabalho é um desafio árduo para as mulheres da comunidade de remanescentes de quilombolas do Cedro.

## 6 CONCLUSÕES

Analisar o papel da mulher na comunidade de remanescentes de quilombolas do Cedro, nos diversos contextos onde estão inseridas, nos permite afirmar que o esforço destas mulheres em busca de protagonismo é constante e que as conquistas das mulheres têm provocado mudanças positivas na estrutura familiar dentro da comunidade.

Por um lado, as mulheres da comunidade de remanescentes do Cedro, estão conquistando papéis de liderança dentro de espaços que eram ocupados somente pelos homens. Na atualidade, as mulheres são responsáveis por ações que refletem na vida comunitária, porém, por outro lado, as mulheres dessa comunidade ainda enfrentam problemas. Cita-se: não há nos domicílios uma divisão justa e igualitária das tarefas definidas como domésticas; a responsabilidade pela organização e planejamento das atividades domésticas compete somente à mulher, assim como as atividades reprodutivas de cuidados; a mulher assume a responsabilidade de cuidar dos outros membros da família.

O tempo de estadia na Comunidade do Cedro, durante o trabalho de campo, permitiu que observássemos um cenário sobre os novos papéis assumidos pelas mulheres na comunidade.

As mulheres do Cedro são responsáveis pela manutenção histórica e cultural da comunidade, devido à responsabilidade assumida por elas, na preservação e passagem das tradições, dos saberes e da memória dos antepassados. Essa afirmação foi possível a partir dos depoimentos de outros membros

da comunidade que citaram a trajetória das mulheres em busca do reconhecimento pelo trabalho com as plantas medicinais.

A oportunidade de qualificação tem sido aproveitada pelas mulheres da comunidade do Cedro, a partir do acesso a cursos de ensino superior e profissionalizantes.

Assim, percebemos que as mulheres estão deixando de exercer profissões de baixo reconhecimento social como os braçais e estão tendo mais acesso à bens e serviços.

As mulheres do Cedro têm se mostrado satisfeitas com as mudanças ocorridas na comunidade.

A aproximação com o perímetro urbano facilita que as mesmas deixem suas casas para exercer atividades remuneradas urbanas.

A obtenção de renda através das atividades exercidas pela mulher promove mudanças na qualidade de vida de toda a família. Isso porque as mulheres fizeram questão de mostrar durante nossas visitas, os eletrodomésticos comprados por elas, as reformas nas casas e construções de novos cômodos. A independência financeira das mulheres da comunidade do Cedro tem colocado as mulheres como protagonistas na geração de renda e sustento das famílias.

Em síntese, as mudanças são várias e facilitadas pela proximidade com o meio urbano, apontando para a necessidade de trabalhos com análises antropológicas, para melhor entender as faces positivas e negativas dessas transformações encontradas em campo e na literatura levantada, em termos de manutenção do território da CRQ Cedro.



## REFERÊNCIAS

- ASSIS, J. F. O papel de comunidades quilombolas na conservação da biodiversidade do Cerrado: a experiência da Comunidade do Cedro, Mineiros-GO. 2016. 38 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Campus Planaltina, Brasília, 2016.
- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. Negros do Cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás. São Paulo: Ática; Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm). Acesso em: 2 jan. 2019.
- BUTTO, A. (org.). Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres. Brasília: MDA, 2009.
- CAMPOS, M. C. A.; GALLINARI, T. S. Educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil. Revista NERA, Presidente Prudente, v. 20, n. 35, p. 199-217, jan./abr. 2017.
- CPISP. Exposição. 2021. Disponível em: <https://exposicao.enap.gov.br/items/show/246>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. Contexto e Educação, Ijuí, v. 2, n. 7, p. 19-24, jul./set. 1987.
- FARIA, N. Economia feminista e agenda de lutas das mulheres no meio rural. In: BUTTO, A. (org.). Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres. Brasília: MDA, 2009. p. 11-28.
- FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2007.
- G1 GO. Comunidade mantém há cerca de 200 anos uma farmácia com produtos feitos à base de plantas medicinais do cerrado, em Mineiros. G1, [S.l.], 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/goias/noticia/quilombolas-produzem-garrafas-que-podem-combater-ate-cansaco-sexual.ghtml>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- GEERTZ, C. Ethos, visão de mundo e a análise de símbolos sagrados. In: GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIDDENS, A. Sociologia. São Paulo: Artmed, 2005.



GROSSI, P. K.; OLIVEIRA, S. B.; OLIVEIRA, J. L. Mulheres quilombolas, violência e as interseccionalidades de gênero, etnia, classe social e geração. *Revista de Políticas Públicas*, v. 22, p. 929-948, 2018.

LIMA, I. A. Aqui é o lugar que toda mulher trabalha: uma etnografia sobre o trabalho feminino na comunidade quilombola de Capoeiras - Macaíba/RN. 2017. 213 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Macaíba, 2017.

LUCIANO, D. F.; SANTOS, M. J. Quilombo do Cedro em Mineiros (GO). In: CONGRESSO INTERNACIONAL CIÊNCIA, TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO, 2014, Taubaté. Anais [...]. Taubaté: [s.n.], 2014.

MALIGHETTI, R. Etnografia e trabalho de campo: autor, autoridade e autorização de discursos. *Caderno Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 1, n. 1, p. 109-122, jan./jul. 2004.

MIRANDA, Shirley Aparecida. Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 363-384, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vtvxW4PdPS4DjskgsjXqxHN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 dez. 2018.

MONTEIRO, K. S. As mulheres quilombolas na Paraíba: terra, trabalho e território. 2013. 233 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

OLIVEIRA, D. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, out./dez. 2008.

OLIVEN, Arabela Campos. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. *Educação*, Porto Alegre, v. 30, n. 1 (61), p. 29-51, jan./abr. 2000.

REDE CERRADO. Oficina ministrada por Lucely Pio foi realizada durante o IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado. Rede Cerrado, [S.l.], 2023. Disponível em: <https://redecerrado.org.br/raizeira-do-cerrado-ensina-segredos-de-plantas-medicinais-para-mulheres/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SANTOS, M. J. Mulheres quilombolas: memória é acervo de nossa história. *Cadernos Imbondeiro*, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/14142>. Acesso em: 4 jan. 2019.

SARTORI, E. Reflexões sobre relações de gênero, família e trabalho da mulher: desigualdades, avanços e impasses. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 59-74, 2004.

SCOTT, P.; RODRIGUES, A. C.; SARAIVA, J. C. Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais. In: PARRY, S.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (org.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 63-94.

SILVA, J. S. Análise socioespacial e conhecimento etnobotânico em uma comunidade quilombola no sudoeste de Goiás. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2010.

SOUZA, P. B. de; ARAÚJO, K. A. A mulher quilombola: da invisibilidade à necessidade por novas perspectivas sociais e econômicas. In: CONPEDI/UFPB (org.). *Direitos, gênero e movimentos sociais*, II. Florianópolis: CONPEDI, 2014. p. 163-182.